



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1078

OS TRAÇADOS INVISÍVEIS DO MUNICÍPIO DE PEDRO OSÓRIO (RS): UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GETÚLIO VARGAS

Tatiana Carrilho Pastorini Torres
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Maria Fernanda Botelho
Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas (GVM)

Resumo: A presente proposta de trabalho visa relatar uma experiência interdisciplinar de Ensino de Arte, Geografia e História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, localizada no município de Pedro Osório, Rio Grande do Sul. A proposição do trabalho envolveu o estabelecimento de percursos escolhidos pelos alunos, a fim de se propiciar um olhar diferenciado sobre a cidade. Neste sentido, buscou-se uma visão que vai além de prédios, ruas e demais limitações do espaço urbano; enfim, uma leitura da cidade como produto histórico-social delineado pela vivência, na qual se constitui a memória e o patrimônio. Para tanto, optou-se pelo uso da fotografia como forma de registro, posto que tal recurso oferece ao observador uma gama de possibilidades, enquadramento e infinitas releituras. Além disso, auxilia no desenvolvimento da poética que, por sua vez, corrobora com a sensibilização e percepção dos traçados invisíveis aos olhares despreparados. Sendo assim, possibilitou-se uma construção interdisciplinar de conhecimento, com o propósito de valorizar e incentivar o fortalecimento dos vínculos identitários e patrimoniais da comunidade local.

Palavras-chave: Cidade; Fotografia; Poética; Memória; Patrimônio.

Introdução

Pedro Osório, outrora denominado Olimpo, é um pequeno município gaúcho constituído às margens do Rio Piratini e, por isso, sofre com periódicas cheias. Sendo assim, costuma-se dizer que a cidade não tem nada porque tudo se perdeu literalmente água abaixo. Inclusive, certa vez, uma aluna desenhou um grande fantasma assustador como símbolo que, para ela, representava

Pedro Osório. Nesse contexto, procurou-se desenvolver um projeto interdisciplinar referente ao ensino de Arte, Geografia e História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, com a finalidade de buscar um novo olhar sobre a cidade; uma leitura para além das suas construções e delimitações do espaço urbano, ou seja, o seu traçado invisível no qual “cada um pode colocar as coisas que deseja recordar” (CALVINO, 1990, p. 9) ou interpretar.

Nessa perspectiva, ao se fazer uma leitura geográfica da cidade, deve-se pensá-la como construção humana e produto histórico-social (CARLOS, 2007, p.20), onde a vida acontece nos mais diversos campos de possibilidades. Para Zita Possamai (2010, p. 209) “a cidade constitui-se em escritas da memória sobre o espaço”; registros construídos a partir da vivência do olhar e da memória, com base no “real” que se torna simbólico. A cidade é formada por suas estruturas materiais e imateriais passíveis de leituras e questionamentos históricos. Entretanto, para que possa ser “lida”, precisa-se (re)educar o olhar e enfrentar “a complexidade de fugir da cegueira, romper com o ver sem enxergar e dar voz aos chamados lugares invisíveis da cidade” (TORRES, 2014, p.35). Ademais, a dimensão cultural se faz presente nas atuais abordagens do campo geográfico, pois:

Pensar o urbano através de sua dimensão cultural, possibilita que se amplie a compreensão da sociedade também em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e as temporalidades expressas na cidade (FIGUEIREDO, 2014, p. 95).

Desse modo, utilizou-se os percursos, prática comum à Educação Patrimonial, como ponto de convergência entre os interesses da Arte, da Geografia e da História. Para tanto, organizou-se roteiros em conjunto com os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, a fim de se percorrer as ruas, fazer registros fotográficos sob diferentes olhares e possibilitar a aquisição de “instrumentos para recriar, transformar, usar e desfrutar o patrimônio cultural” (GRUNBERG, 2000, p. 164). Por outro lado, optou-se pelo uso da fotografia como forma de registro, porque tal recurso oferece ao observador uma gama de possibilidades, enquadramento e infinitas releituras. Segundo Figueiredo (2014, p.109) “as imagens fotográficas revelam alguns elementos importantes

para o conhecimento da memória coletiva”. Além disso, a fotografia auxilia no desenvolvimento da poética que, por sua vez, corrobora com a sensibilização e percepção dos traçados invisíveis aos olhares despreparados. Sendo assim, possibilitou-se uma construção interdisciplinar de conhecimento, com o propósito de valorizar e incentivar o fortalecimento dos vínculos identitários e patrimoniais da comunidade local.

Objetivos pensados para o Projeto dos *Traçados Invisíveis* da cidade

O principal objetivo do projeto denominado “Os Traçados Invisíveis de Pedro Osório” consistiu em despertar o pertencimento histórico¹ dos alunos na sua relação com o pequeno município de Pedro Osório. Além do mais, projetou-se propiciar uma experiência de construção da memória individual/coletiva, pois por meio dela “o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem conferindo-lhe sentido” (CANDAUI, 2012, p. 61). Também, objetivou-se compreender o espaço geográfico como construção humana e histórica; associar a leitura dos textos da obra “As Cidades Invisíveis”, de Calvino com o espaço urbano de Pedro Osório; motivar a percepção e sensibilização do olhar por meio da fotografia.

Nesse sentido, tomou-se a cidade como recurso de ensino a partir da Educação Patrimonial, metodologia voltada para o processo sistemático de trabalho educativo, que tem por partida e centro o patrimônio cultural com todas as suas manifestações (GRUNBERG, 2007, p. 5). Para a educadora Hilda Fraga, “a Educação Patrimonial se constitui como um campo de ação educativa, por definição, inter e transdisciplinar” (FRAGA, 2010, p. 226). Então, planejou-se ainda, favorecer a socialização e o crescimento individual e coletivo na construção do conhecimento interdisciplinar.

Resultados... ainda que parciais

¹ Pertencimento histórico é a apropriação dos bens culturais pela comunidade, com a finalidade de “retomar emoções, costumes, modos de viver e formas de entender o mundo que se entrelaçam às reminiscências do tempo pretérito e corroboram para a construção das identidades e coletivas no presente” (PELEGRINI, 2009, p.35).

No que se refere aos resultados, pode-se dizer que são parciais, pois a etapa de valorização será feita no final do mês de outubro, por meio de uma exposição fotográfica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas. Sendo que, nesse momento, a comunidade será convidada a visitar e contemplar as diferentes leituras dos alunos sobre os traçados invisíveis de Pedro Osório, não apenas nas fotografias, mas também nos fragmentos eleitos pelos alunos para representações em pintura sobre tela. Porém, as impressões dos percursos, registradas em seus textos pessoais, demonstram o envolvimento com o trabalho e o alcance de boa parte dos objetivos propostos.

Na fase inicial do trabalho, os alunos da 8ª série/2015 reproduziam o mesmo discurso de que não havia nada para ser visto em Pedro Osório, um lugar pequeno, sem graça, feio, vazio e sem mudanças; uma cidade destruída, com muitas casas velhas quebradas e que nem tinha “cara de cidade”. Segundo eles, o melhor a fazer seria crescer e deixar a localidade em busca de algo melhor. Uma aluna chegou a dizer que “não havia nada para ser lembrado, apenas esquecido e de preferência apagado do mapa”. Entretanto, após a execução das etapas de identificação e registro, o discurso mudou completamente; agora, por meio da educação do olhar e da poética, esses alunos são capazes de realmente ver o que antes passava despercebido. Para Pâmela (ago. 2015), “ao fotografar nossa cidade percebemos coisas que antes não víamos e se víamos passavam despercebidas”. Segundo Mariana:

Sempre que saímos para fotografar uma parte da nossa pequena cidade, podemos ver algo diferente que não era percebido antes [...] podemos ver tanta riqueza e muitos lugares [...] conhecemos um pouquinho mais dos traçados invisíveis que muito pouca gente pode ver (Mariana, ago. 2015).

O relato de Larissa (ago. 2015), fala que “é muito bom ver a cidade como ela é, fotografar lugares e detalhes que estão sempre mudando com o tempo [...] é um olhar diferente”. Desse modo, vê-se que a noção de estagnação foi abandonada. Outro aspecto relevante é o entusiasmo com as “descobertas” feitas por eles. Dianifer (ago. 2015) aponta que: “com esse trabalho eu descobri coisas novas que eu nunca tinha visto, eu achava que conhecia toda Pedro Osório, mas eu vi que estava errada”. Já, para Damares,

(ago. 2015), “estamos fazendo o possível para mostrar que queremos descobrir os mistérios da nossa cidade”. Ou, então, nas palavras de Ingridi:

Eu gosto de fazer esse trabalho, descobrir coisas novas de Pedro Osório, coisas escondidas dos nossos olhos, mas que mesmo assim fazem parte da nossa cidade. [...] coisas bonitas, coisas antigas, lugares muito interessantes, como a ponte do trem que é um lugar lindo e ao mesmo tempo histórico. Alguns bairros eu nem sabia que existia aqui em Pedro Osório (Ingridi, ago. 2015).

Durante os percursos, os alunos entenderam que até mesmo as ruínas deixadas pelas recorrentes enchentes podem ser vistas como algo vivo, pulsante e capaz de dizer alguma coisa (NAPOLITANO, 2009, p.85). Natália (ago. 2015) mencionou que havia muitas casas abandonadas por causa das enchentes, as quais nunca havia notado antes e por isso era “importante observar as coisas, não só passar nas ruas e nem olhar algo”. Na visão deles, (re)conhecer os lugares modificou a maneira de ver a cidade, o “trabalho fez render belas imagens” (Maiara, ago. 2015). Assim, percebe-se a relevância da realização desse projeto e também fica bem clara a mudança do olhar nos seguintes depoimentos:

[...] com esse projeto nós saímos da escola e vamos para as ruas conhecer o que a gente já conhece e o que ainda não conhecemos. [...] estou vendo coisas que eu nunca tinha parado para prestar atenção (Kauana, ago. 2015).

A relação entre o fato de ter sido realizadas as saídas pelos arredores da cidade de Pedro Osório foi uma realização, um arquivo que ficará guardado...esse projeto nos mostrou muitos caminhos a serem descobertos (Igor, ago. 2015).

Em relação aos registros fotográficos, menciona-se, inclusive, que esse recurso faz parte do estudo sobre arte moderna no currículo da Educação Básica. Em vista disso, cabe ao professor, orientar os alunos na construção desse conhecimento, permitindo a criação, a elaboração, o estudo e a prática da fotografia com intencionalidade estética, isto é, “o conhecimento sensível através dos sentidos, das sensações” (MARTINS, 2011, p. 312). Então, na análise parcial dos resultados do projeto, é notável o desenvolvimento dessa percepção e em alguns casos até mesmo se vê uma busca pela poética na

fotografia. Logo, assimila-se que “experiências com arte são geradas de uma aprendizagem de interrogação pela sensação, emoção e pela razão reflexiva sensível” (MARTINS, PICOSQUE, TELLES, 2009, p. 179). Todavia, é indispensável compreender o processo, conhecer os recursos, decifrar os códigos da linguagem visual e, por meio da sensibilização, permitir-se a criação e produção.

Por outro ângulo, enfrenta-se certa dificuldade mediante a banalização atual do recurso fotográfico, pois o acesso é fácil e o resultado imediato. Logo, a fotografia serve de registro visual de todos os acontecimentos cotidianos, contudo, ao se analisar esteticamente esses registros, nota-se que não foram pensados ou elaborados; o fotógrafo utilizou o disparador, mas não analisou os elementos visuais que compõem a fotografia: figura, fundo, luz, sombra, contraste, textura, perspectiva, enquadramento, foco, nitidez, aproximação, movimento e cor. Por esse motivo, durante os trajetos, muitas fotografias tiveram seu enquadramento prejudicado pelo hábito das *selfies* na diagonal, dificultando a leitura das paisagens para a mostra fotográfica. Em alguns casos, a imagem apresenta excelente foco, tema, luz e cor; porém, não permite uma leitura clara.

Apesar disso, os resultados obtidos, embora parciais, demonstram uma mudança do “olhar” acerca da história, da memória, do patrimônio e da própria cidade, tendo em vista que “estamos juntos conhecendo os traçados de Pedro Osório que às vezes passamos e não nos damos conta [...] com muitas mudanças em nosso olhar (Samantha, ago. 2015). Assim, com a finalidade de construir os traçados invisíveis de Pedro Osório “nós podemos descobrir coisas que nem sabíamos que tinha na nossa cidade” (Leonardo, ago. 2015). Por meio da fotografia, identificou-se a apropriação do lugar, as memórias afetivas e a reorganização urbana após três enchentes de grande proporção. Então, desperta-se o aluno para a riqueza da sua relação com a cidade, na qual “há uma proliferação de matérias. É uma memória ao mesmo tempo individual e coletiva porque os espaços falam de nós” (FARIAS, 1997, s/p). Desta maneira, eleger um momento para fotografar já significa de alguma forma torná-lo memorável e parte indispensável na construção histórica e nos diversos olhares sobre a cidade, tais como:

o da cidade, que se vê, e a da que não se vê, oculta e esquecida; o tempo que passa e o que não passa, [...] o tempo da cidade que se quer, dos desejos, das utopias perdidas e dos projetos não realizados, e o da cidade que se tem, resultante de fracassos e vitórias (FIGUEIREDO, 2014, p. 94).

Portanto, suscitou-se as reflexões dos alunos sobre o vivido e suas relações socioambientais (SCHIAVON, 2011); encorajou-se “a valorização da identidade e da cultura local mediante a ‘descoberta’ de uma cidade invisível aos olhos desacostumados à observação” (TORRES; SCHIAVON, 2015, p. 68). Também, mostrou-se outras perspectivas de enquadramento fotográfico técnico e poético.

Considerações finais

Considera-se que, após a experiência interdisciplinar, desenvolvida com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, a cidade pode ser utilizada como recurso e fonte para o ensino/aprendizagem de Arte, Geografia e História. Desse modo, a prática da Educação Patrimonial foge ao cotidiano de sala de aula e promove a dinamização do aprendizado por meio da educação do olhar, não um olhar direcionado e determinado, mas aquele construído em conjunto com os envolvidos no processo. Ademais, os percursos propiciam uma maior compreensão da relação espaço/tempo e do contexto de inserção social e cultural. Dessa maneira, olha-se a cidade para além de suas estruturas visíveis e a interpreta-se como o “núcleo fundamental na qual se materializam as relações humanas” e “um espaço de ensino-aprendizagem, um centro de valores e recursos como os que nos oferece o patrimônio²” (PRATS; SANTACANA, 2009).

Portanto, o pequeno município de Pedro Osório, cuja origem está ligada à distribuição de sesmarias e à expansão ferroviária, ampliou sua escrita por meio de seus traçados invisíveis à percepção do senso comum. Os registros identificaram vida na poética das imagens e, principalmente, o fio invisível que liga os seres vivos e desenha novas figuras da cidade infeliz que contém uma

² La ciudad es hoy ele núcleo fundamental donde se materializan las relaciones humanas. [...] Consideramos que La ciudad es um espacio de enseñanza-aprendizaje, um centro de valores y recursos como lós que nos ofrece el patrimonio” (PRATS; SANTACANA, 2009).

cidade feliz mesmo sem saber que existe (CALVINO, 1990, p. 63). Por fim, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, com algumas ressalvas quanto às técnicas fotográficas. Entretanto, entende-se que o objetivo da fotografia também foi contemplado, pois a construção se dá no processo; os alunos analisaram as imagens, comentaram sua estética e sabem o motivo pelo qual algumas não ficaram próprias para a proposta. Inclusive, às vezes, não é o autor e sim o colega que faz a análise; pensa-se, então, a fotografia como linguagem visual.

Por tudo isso, sabe-se que essa experiência de (re)conhecimento dos traçados invisíveis de Pedro Osório propiciou uma oportunidade ampla de aprendizado; um momento de elaboração de conhecimento comum entre as áreas de ciências Humanas e Linguagens, construção identitária, valorização do pertencimento histórico e preservação do patrimônio local.

Referências

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

GRUNBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, SC, Argos, nº 12, 2000, p. 159-180.

FARIAS, Agnaldo. **A arte e sua relação com o espaço público**. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_artistica/0002.html. Acesso em: 06 de ago. 2015.

FIGUEIREDO, Lauro César. Memória, cidade e documentação: transformação da paisagem cultural da cidade de Santa Maria a partir da fotografia. In: **Lugares**: patrimônio, memória e paisagens. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

FRAGA, Hilda Jaqueline. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; TELLES, M. Terezinha. **Teoria e prática do ensino de Arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste. Arte, só na aula de arte? **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.3, p. 311-316, set./dez. 2011.

NAPOLITANO, M. Cultura. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PRATS, Joaquín; SANTACANA, Joan. (2009). La ciudad, un espacio para aprender. Aula de innovación educativa. In: **Revista Aula de Innovación Educativa 182**. Disponível em: <http://aula.grao.com/revistas/aula/182-competencia-en-iniciativa-y-espíritu-emprendedor/la-ciudad-un-espacio-para-aprender>. Acesso em: 16 de ago. 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert. Patrimônio e desenvolvimento em debate: as atividades do programa de educação patrimonial da FURG. In: MAGALHÃES, Leandro Henrique; MORAES, Vanda de. (Org.) **A construção de políticas patrimoniais em cidades novas**. Londrina: Ed. da UNIFIL, 2011.

TORRES, Tatiana Carrilho Pastorini. **Educação Patrimonial na Escola**: uma experiência entre o ensino de História e o Patrimônio Cultural em Pedro Osório (RS). Rio Grande, 2014. 150f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande, 2014.

_____ & SCHIAVON, Carmem G. Burgert. Educação patrimonial e o ensino de história das cidades. **Revista Memorare**. Tubarão, SC, v. 2, n. 2, p. 52-71, 2015.